

Gustavo Giovannoni.
Textos Escolhidos

Artes&Ofícios

9



Sumário

Apresentações

- Observações sobre os Textos de Gustavo Giovannoni
Traduzidos nesta Edição 11
Beatriz Mugayar Kühl
- Atualidade de Gustavo Giovannoni 31
Andrea Pane
- O “Velhas Cidades” de Gustavo Giovannoni:
Algumas Notas..... 53
Renata Campello Cabral e
Carlos Roberto M. de Andrade
- Gustavo Giovannoni e o Restauro Urbano 63
Manoela Rossinetti Rufinoni

Gustavo Giovannoni.
Textos Escolhidos

Velhas Cidades e Nova Construção Urbana.....	91
O “Desbastamento” de Construções nos Velhos Centros. O Bairro do Renascimento em Roma.....	137
A Restauração dos Monumentos na Itália.....	179
Verbetes: Restauo dos Monumentos	191

O “Desbastamento” de Construções nos Velhos Centros. O Bairro do Renascimento em Roma*

As habitações dos velhos bairros das cidades podem em certos aspectos ser assemelhadas às árvores de um bosque. Germinadas, por vezes, com uma disposição natural livre e, por outras, plantadas em fileiras, ou espaçadas em áreas vastas, ou seja, rarefeitas ou densas a conter em si a verde sombra, morrem por decrepitude ou são abatidas pelo machado; mas novos brotos nascem das mesmas cepas, reproduzem os mesmos agrupamentos de seus progenitores. Do mesmo modo, as casas: renovam-se, transformam-se, são reconstruídas, mas a sua configuração raramente varia em relação ao

* Título original: “Il ‘Diradamento’ Edilizio dei Vecchi Centri. Il Quartiere della Rinascenza in Roma”, *Nuova Antologia*, 1913, vol. CLXVI, fascículo 997 (1º de julho), pp. 53-76 (N. da T.).

Tradução: Beatriz Mugayar Kühl.

primitivo esquema de edificação, que sobrevive como trama do desenvolvimento sucessivo. Esse esquema tem um início de regularidade geométrica nos bairros surgidos com os séculos próximos a nós; é, então, uma “plantação”, com traçados amiúde retilíneos; as vias têm alguma amplidão e o critério estético dos efeitos cênicos e da convergência das visuais em direção a focos monumentais não raro prevalece. Por vezes, e é caso frequentíssimo, o bairro pertence ainda ao tipo medieval: um tipo de completa e deliberada irregularidade nas ruas, assim como nas casas, e que tem como características próprias as vias estreitas e tortuosas, as praças fechadas, como se fossem grandes salas e recolhidas em torno dos monumentos principais, amplos quarteirões em que se agrupavam em grande número as pequenas habitações.

Motivos de defesa, por vezes a adaptação a limites preexistentes, exigência de reuniões populares e de feiras, eram causas positivas dessas disposições, que, no entanto, respondiam também a determinados critérios de higiene e de estética¹, que por muito tempo continuaram a prevalecer: objetivava-se barrar o movimento dos ventos dominantes, “a fim de que para maior sanidade dos habitantes [os ventos] sejam quebrados, suavizados,

1. Cabe a Sitte – *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*, Wien, 1889 (N. do A.). [Camillo Sitte, *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*, São Paulo, Atica, 1992 (N. da T.)] – o mérito de ter determinado esse complexo de conceitos sistemáticos de formação das cidades medievais, surgidas não confusamente, mas quase sempre com muita consciência dos objetivos e dos efeitos (N. do A.).

purgados e enfraquecidos”², que as ruas não fossem demasiado frias no inverno e quentes no verão, e que em todas as casas houvesse ambientes em boas condições de orientação. E que, além da variedade, dos contrastes imprevistos, da alternância de sombra e de luz, a cidade tivesse um caráter diversificado e pitoresco, todas as ruas um aspecto único, como também expressão individual tinha cada um dos edifícios, monumental ou humilde, na sua conformação e nas variadas condições das visuais³. As casas eram iluminadas e ventiladas, em vez de pelas

2. Andrea Palladio, *I Quattro Libri dell'Architettura*, Venezia, Domenico de'Franceschi, 1570 (N. do A.). [Edição fac-similar, Milano, Hoepli, 1990, livro III, cap. II, p. 8: “Ma in questo compartimento delle vie si deve con somma diligenza avvertire che (come ci insegna Vitruvio al cap. VI del primo Libro) non riguardino per linea retta ad alcun vento: acciocché per quelle [vie] non si sentano i Venti furiosi e violenti; ma che con più sanità degli abitatori vengano rotti, soavi, purgati e stanchi” / “Mas nessa disposição das vias é necessário, com suma diligência, advertir que (como nos ensina Vitruvius no cap. VI do livro I) não estejam de frente a nenhum vento, de modo que naquelas vias não sejam sentidos os ventos furiosos e violentos, a fim de que, para maior sanidade dos habitantes, sejam quebrados, suavizados, purgados e enfraquecidos” (N. da T.)].
3. Diz a esse propósito Leon Battista Alberti (*De re aedificatoria*, livro IV, cap. 5): “No interior da cidade, que a rua não seja reta, mas sinuosa como o curso de um rio que se volta várias vezes, de um lado para o outro, pois, entre outros fatores, parecendo mais longa, dará a impressão de estar numa grande cidade: e isso é muito propício à estética, à praticidade e às necessidades específicas do momento. Ademais, será agradável para aqueles que a percorrerão passo a passo que os edifícios se apresentem sob novas perspectivas [...]. No verão, Roma não será jamais sombria e, igualmente, não haverá casa em que não entrem os raios de sol. [...] e não serão nunca sentidos ventos fastidiosos, logo repelidos pelas paredes interpostas” (N. do A.). [A tradução desse trecho foi feita a partir de Leon Battista Alberti, *L'Arte di Construire* (org. Valeria Giontella), Torino, Bollati Boringhieri, 2010, p. 148; N. da T., que agradece a Andrea Buchdid Loewen a gentileza da referência e de ter providenciado uma cópia do trecho.]

ruas estreitas, pelos espaços internos das quadras, amplos e verdejantes, com jardins e hortas⁴.

A cidade medieval tinha, portanto, além de uma beleza e uma poesia, uma lógica, uma euritmia, uma higiene. E esta última residia especialmente na baixa densidade da população que habitava nessas pequenas casas com pouca altura, cada uma delas sendo residência de apenas uma família.

A tipologia da casa de aluguel apareceu muito mais tarde, por volta dos séculos XVII e XVIII, então restrita a apenas algumas regiões⁵. É verdade que com o tempo também a casa familiar foi transformada em casa de aluguel; e que, especialmente em períodos recentes, como mencionado, a tendência a utilizar construções e áreas acabou por produzir acréscimos e sobrelevações que quase sempre alteraram o tipo⁶. No entanto, apesar de tudo, as condições desses bairros, com suas ruas fechadas, não resultaram em deficiências do ponto de vista da higiene, a não ser pela pouca limpeza e pela incúria das classes pobres que vieram neles habitar. O grande inimigo da saúde pública está, mais do que nes-

4. A amplidão desses jardins internos pode ser vista nas antigas plantas que se conservam da cidade; por exemplo, a de Bufalini para Roma.
5. O tipo da casa de aluguel estabeleceu-se, em alguns lugares, bastante cedo; em Roma e em Paris, por exemplo, já desde o final do século XVI; em Berlim, foram necessários decretos de Frederico II para introduzir coercitivamente como tipologia normal; na Inglaterra, na Holanda, na Suécia etc., nunca prevaleceu.
6. Disse Gnoli numa sua conferência recente (“Roma no Tempo de Dante”) que os grandes monumentos que um tempo se elevavam como gigantes em meio a um mar de pequenas casas, progressivamente foram encerrados nesse aumento geral de alturas que ocorreu.

sas velhas casinhas, nos enormes caserões em que se adensam centenas de habitantes, de modo que o sistema de construções moderno – não o moderníssimo – representaria, talvez, uma piora para as condições de higiene, se não tivesse ocorrido a organização vigorosa de toda a infraestrutura da cidade, de todas as medidas profiláticas para a prevenção de infecções.

Eis a prova precisa. Onde quer que a estatística possa estabelecer comparações, para os mesmos estratos sociais, as condições, dos bairros antigos do tipo mencionado acima e dos novos bairros aglomerados, são inesperadamente melhores nos primeiros do que nos últimos. Desse modo, em Viena nos distritos VII, IV e IX, de antiga construção, a mortalidade oscila em torno de 17 por mil e sobe a 32 ou a 35* nos novos bairros Simmering, Neu Ottakring, Meidling e, no distrito X⁷. Do mesmo modo, em Roma, a comparação entre os bairros Ponte e Parione e o bairro S. Lourenço mostra, para este último, condições muito piores de mortalidade e de morbosidade do que nos dois primeiros⁸.

* O autor, nesta frase, escreveu e “intorno al 17 per cento e sale al 32 od al 35 per mille”, ou seja, “em torno de 17 por cento e sobe a 32 ou a 35 por mil”. É algo que parece ser um erro de digitação, seja na primeira informação (17 por cento) ou na segunda (32 por mil); pelos dados que apresenta a seguir para Roma (ver nota 8), é de se supor que a taxa fosse de 17 por mil (N. da T.).

7. De uma conferência de C. Sitte em *Zeitschrift des Österreichischer Ingenieur-und Architekten-Verein*, 1903.
8. O fato foi-me informado pelo professor Angelo Celli; não é, porém, possível encontrar uma confirmação direta e precisa nas estatísticas da Prefeitura de Roma, nas quais a subdivisão por regiões agrupa o bairro S. Lourenço com todo o bairro Esquilino. Nos últimos três anos o coeficiente

Não se acredite que eu queira com esses dados chegar à conclusão que tudo esteja ótimo nos velhos centros e que não haja nada a ser mudado. Verdadeiramente não! Com efeito, como por todos os lados agora se luta contra os casernões e se busca sanear novamente as condições daqueles que existem, mesmo tendo sido construídos há vinte anos, do mesmo modo se procura levar ar e luz aos bairros densos e melhorar o elemento rua e o elemento casa. Existe um tipo de sujeira que se trata com a vassoura e com o serviço de limpeza urbana e, mais indiretamente, com a escola e com o trabalho; mas existe outro, por demais enraizado nos velhos muros, para que esses remédios possam bastar; há, por vezes, uma “cor local” que não tem mérito algum para ser conservada e que seria fetichismo irracional manter. E, mesmo permanecendo nos cânones da estética da construção, compilada e variada, quantas vezes até mesmo através de algum vão, de alguma janela que se abre, é possível atingir elementos de uma beleza nova – eterna e superior a todas as estéticas, porque é a beleza natural! Não faltam cidades e burgos (como, por exemplo, muitas povoações das Colinas do Lácio) compactos e cerrados ao redor das praças e das ruas internas, como antigas fortalezas, e mais adiante há a luz, há o horizonte ilimitado do campo

médio de mortalidade para este último foi de 14,5‰, enquanto para o Parione foi 15,5‰ e para o Ponte, 19‰; mas, quando se considera que no Esquilino estão compreendidas as zonas salubérrimas de habitações ricas do bairro Macao e das proximidades da estação, será evidente que a pequena diferença para menos se transforma, para o bairro de S. Lourenço, numa grande diferença para mais.

e do mar, de modo que basta fazer uma abertura parcial, criar um terraço que se projeta, para abrir um novo e admirável quadro entre as paredes escuras.

Transformar-se e renovar-se, portanto, mas *cum juicio*, não prescindindo do tipo atual, mas o acompanhando. Nada, porém, mais ilógico e ineficaz do que os chamados “desventramentos”, que estão na moda mais do que por razões de higiene, pela retórica da construção e da especulação privada, ávida por se apossar dos terrenos centrais. Exemplos típicos entre nós foram o centro de Florença, com a sua vulgaríssima praça retangular e o Saneamento de Nápoles, vasta obra que, a partir de algumas grandes artérias retilíneas, demoliu e reconstruiu zonas inteiras de habitação.

Quase sempre essas ações foram desastrosas não apenas para o caráter histórico e artístico da cidade, mas falharam em seu objetivo direto. Financeiramente o negócio é, com frequência, desvantajoso, pelas grandes despesas com expropriação e sistematização e pela perda de área útil requerida pelas amplas avenidas novas – e parece que isso ocorre agora mesmo em Bolonha, na infeliz formação de um “centro” entre a Piazza del Netuno e as torres. Do ponto de vista social, tornou-se sempre mais aguda a gravíssima questão das casas operárias. Como resultado da sistematização “moderna”, do ponto de vista da higiene, do aspecto, da comodidade, o que se conseguiu foi que as condições, melhoradas em alguns pontos nessas novas partes, pioraram significativamente nas zonas bem mais amplas que estão atrás delas, onde,

pelas novas e soberbas habitações, situadas na frente, os grupos de velhas casinhas permaneceram – sem esperança – definitivamente aprisionados e sufocados⁹. Diria quase que essas sistematizações são feitas, mais do que para os cidadãos, para os forasteiros (dado que eles não lamentam a perda do aspecto pitoresco da antiga cidade) que, passando pela nova Avenida, que naturalmente em todas as cidades tem o mesmo nome, “acreditarão facilmente”, segundo a ingênua expressão de Palladio¹⁰, “que à sua largura e à beleza correspondam também a das outras ruas da cidade”.

A radical sistematização de tipo neroniano – a reconstrução depois de ter arrasado tudo – seria algo bárbaro, mas seria pelo menos uma solução lógica direta. O mesmo não pode ser dito daquelas soluções que, longe de melhorar de maneira equânime a habitação, condena a parte maior em favor (às vezes também em favor dúbio) de uma parte menor.

Agora falaremos dos monumentos e das obras de arte do passado. Quase por artifício polêmico quis deixar esse tema para depois, para começar pelas razões de índole prática e positiva; pois, se não me iludo, é verdadeiramente eloquente ver estas últimas vir abertamente ao seu encontro, liberando o terreno dos piores

9. Mais bem mais instrumentada, sob esse ponto de vista, foi a disposição adotada para as margens do Tibre em Roma, depois de uma primeira tentativa de ali construir grandes habitações com pórticos. Agora, porém, querem que essas construções não tenham grande porte, de modo a não obstruir as visuais e não impedir a ventilação dos bairros que estão atrás.
10. A. Palladio, *op. cit.*, livro III, cap. II.

inimigos: o preconceito, o interesse, a falta de senso de arte na vida.

Mais do que dos monumentos ameaçados de destruição, parece-me que seja necessário falar dos que restam: uma vez que não é raro o caso que sejam exatamente eles os pólos de atração da retórica da construção, que enuncia como fórmula a sua “valorização” e acaba por levar a caminhar em torno de novas ruas e novas avenidas. Vimos a aplicação disso por todas as partes: algumas raras vezes, com resultado bastante feliz, como, por exemplo no Corso Vittorio Emanuele em Roma (ainda que a maior amplidão prejudique as condições extrínsecas de efeito de alguns monumentos, como o Palácio Massimo). Muito mais frequentemente, os resultados são desastrosos para o caráter e para a integridade das obras de arte, seja por representar irremediáveis deformações para as condições das visuais do ambiente, como para a Catedral de Milão, isolada na praça imensa, ou por resultar em disposições ilógicas de espaço e de circulação, que criam um problema em vez de resolvê-lo, como quando se leva uma grande avenida a desembocar no eixo de uma antiga porta de cidade, com três ou quatro metros de largura apenas. Esse é o caso (afortunadamente ainda no papel) do novo Plano Diretor de Roma para as antigas portas Latina e Metronia, nas quais viriam estrangular-se vias com quarenta metros de largura.

Façamos a distinção: existe toda uma classe de monumentos feita para ser contida num enquadramento restrito e não em vastos espaços e com visuais indefini-

das; entre eles, especialmente as catedrais góticas, nas quais prevalecia, sobretudo, o conceito de acentuar o efeito das linhas verticais através da aproximação dos pontos de observação⁸. Em torno delas, havia toda uma série de monumentos secundários, grupos de pequenas casas, muros, torres, fontes, que apenas nessas condições do ambiente têm valor e significado, ou histórico, ou arquitetônico, ou pictórico; por vezes, é possível dizer que o monumento seja todo o conjunto, como na Piazza delle Erbe em Verona, no Altstadtmarkt de Braunschweig, na Rue des Pierres em Bruges, na Grand-Place* de Bruxelas, que é grande mérito da administração feita por Bulster escrupulosamente conservado em sua integridade¹². Existem vários outros casos em que seria equivocado alterar arbitrariamente as condições do ambiente, que são elemento extrínseco de importância predominante para a obra de arte.

Para alguns dos monumentos do século XVI e para quase todos aqueles do XVII, a coisa é diferente. Neles

11. Cf. C. Sitte, *op. cit.*; Auguste Choisy, *Histoire de l'Architecture*, vol. II.

* O autor manteve as denominações das localidades na língua original e o mesmo foi feito na tradução deste texto, inclusive para nomes em italiano (N. da T.).

12. A conservação permanente da praça de Bruxelas foi possível de ser obtida com a imposição, para vários imóveis, de um tipo especial de limite sobre o direito de propriedade em favor do *Hôtel de Ville* [Prefeitura] que estabelece a imutabilidade das fachadas. O próprio Município se encarrega dos trabalhos de reparação e de manutenção necessários, mediante uma pequena contribuição, e intervém no contrato de seguro dos edifícios contra os incêndios. Cf. *Comptes Rendus du I^{er} Congrès de l'Art Public*, p. 38 (N. do A.). [*Premier Congrès International de l'Art Public*, tenu à Bruxelles du 24 au 29 Septembre 1898, Liège, Bénard, 1898 (N. da T.)].

prevalece um amplo sentido das grandes massas, de modo que nada têm a temer em relação ao efeito do espaço vasto; o mesmo pode ser dito dos monumentos do período romano, mesmo se a sua posição originária era, como com muita frequência ocorria, restrita e fechada. Mas aqui surge outro perigo: o confronto desarmônico com os volumes e as formas das grandes habitações, que ordinariamente em torno dos novos monumentos isolados a construção moderna eleva. Enquanto o Panteão ou a Fontana di Trevi estiverem entre casas de pequena dimensão, belas ou feias que sejam, mas sem pretensões e sem um caráter invasivo, o efeito não é perturbado; o é quando em torno da nova praça se alinham enormes edifícios novos, com fachadas altíssimas e com cores claras, e assumem com as amplas formas arquitetônicas uma fictícia monumentalidade de estuque, para “honrar” o monumento antigo.

Normas preventivas podem ser impostas para evitar essas eventualidades¹³; e, de caso em caso, pode ser requerido o parecer dos corpos consultivos para a conservação dos monumentos. Essa deveria ser uma exigência taxativa, pois as condições externas de um monumento podem ter tanta importância quanto as intrínsecas, relativas à sua manutenção e à sua restauração. Somente assim é possível chegar a uma solução não-ultrajante, mas, às vezes, até mesmo a uma obra nobre e grandiosa,

13. Cânones fundamentais dessas normas podem ser: a “estatura” não alta dos novos edifícios, as cores não claras e vivas, a conformação simples, possivelmente a estrutura aparente com face de tijolos, ou similar.

ao realizar em torno dos monumentos uma ampla sistematização viária.

*
* *

Passemos dessas considerações a alguns conceitos concretos, antes de mais nada para as novas ruas intermediárias e, depois, para a sistematização das habitações.

A abertura de vias internas em centros antigos é, por vezes, mesmo excluindo os motivos artificiosos de natureza retórica ou financeira, uma triste necessidade. O “não-atravesamento” pode ser realizável apenas se uma racional descentralização foi pensada a tempo, mas não é fórmula prática se o desenvolvimento da cidade é prejudicado, ou ainda se a própria tipologia planimétrica, não central, mas difusa, como em Nápoles, não se presta a isolar o grupo dos antigos bairros. Mas essas novas ruas devem ser, por número e por largura, não maiores do que o necessário para dar vazão ao movimento, e traçadas articulando as exigências da circulação e da ligação entre os principais nós com aquelas do respeito pelos monumentos e pelo ambiente, adaptando-se por traçado e por elementos pictóricos e arquitetônicos, ao sistema edilício que está em vigor e que representa uma natural e contínua expressão de vida da cidade.

I. Não-preconceitos de linhas retas e de larguras constantes. Tenha, antes, a via, nos pontos mais estreitos, uma largura mínima exigida pelas condições de circulação, que devem ser previstas com base em acurados

cálculos estatísticos; tenha curvas não tão acentuadas a ponto de tornar longo o percurso e difícil a circulação dos carros e dos bondes; mas se o traçado é sinuoso, se por vezes gira e desloca um tanto o seu eixo para ceder o lugar a um monumento, tanto melhor. Não há, por exemplo, nas novas ruas de Roma, disposição mais feliz do que a que sai da Ponte Garibaldi em direção ao Trastevere, com a torre dos Anguillara que avança no eixo e constringe o Viale Del Re a um leve cotovelo; não há traçado mais genial pela variedade de efeitos do que o Corso Vittorio Emanuele, aqui várias vezes citado. A Rue Maquet e as outras vias circunstantes na velha Bruxelas apresentam, talvez, os exemplos mais típicos de percurso curvilíneo, sem mencionar aqueles variadíssimos oferecidos por inúmeras cidades italianas e alemãs, especialmente as menores, nas quais as ruas que atravessam a cidade, aumentando vias existentes, seguiram o seu traçado irregular; na Luitpold-Straße de Nuremberg, contribui para o efeito de livre agrupamento também o sistema de reentrâncias e saliências das fachadas, que foi mantido para as novas casas, de maneira análoga ao tipo característico das velhas habitações.

II. Deve ser seguida, nesse traçado, a *trama* do antigo bairro, em vez de intersectar artificialmente a nova linha com as longitudinais e transversais já traçadas, seja através da adoção do alargamento de uma rua existente, seja através de uma nova via que atravesse o miolo das quadras. Vantagens e desvantagens possuem ambos os sistemas, mas o segundo é ordinariamente pre-

ferível nas cidades em que a estruturação do ambiente assume grande importância. Desse modo, é menor o risco de destruir edifícios de prestígio, de mudar as condições do ambiente e de outros edifícios feitos para espaços restritos, de efetuar amplas aberturas em praças constritas, inadequadas para se tornar praças de circulação; toda a zona interna das quadras pode ser utilizada; evita-se o perigo de colocar em confronto, com frequência intolerável, o modo antigo de construção que permanece de um lado, e o moderno que se desenvolve do outro.

Certo, se é possível encontrar em meio aos quarteirões um traçado absolutamente livre a ponto de poder prosseguir sem rasgar nada, ou quase, tem-se a solução ideal. Desse modo, em Bruxelas, os *boulevards* que saem da Place de Brouckère puderam seguir o curso do Senne, canalizado e coberto por grandes abóbadas; mas qualquer um pode ver que casos assim são exceção.

A mesma ordem de ideias seguem as ruas paralelas que se colocam como subsidiárias das vias existentes, as ruas especiais em que – na superfície ou embaixo dela – se fazem passar apenas as linhas de bonde, afastando-as do movimento viário remanescente. E são essas as soluções talvez mais eficazes, às quais se deveria, na renovação das cidades, dar a máxima preferência, uma vez que duplicam racionalmente o tráfego e liberam as velhas ruas, sem que seja necessário mudá-las. Em Gênova, os túneis entre a Zecca* e a Piazza Corvetto foram suficientes para salvar o centro da invasão dos

* Casa da moeda (N. da T).

bondes. Roma deveria esperar, como uma das primeiras providências de atuação do Plano Diretor, a paralela ao Corso, entre a Piazza SS. Apostoli e a Piazza S. Silvestro.

III. Respeite-se, onde a nova construção se enxerta na preexistente, o sistema de edificação das antigas habitações: os enormes conjuntos, tão caros à moderna especulação nas grandes cidades, “volumões odiosos”, como diz Rubbiani¹⁴, tanto para a estética como para a ética da vida contemporânea, motivados pela persistência desesperada do negociismo em nivelar nos interesses do dinheiro”, constituem desarmonia insanável, onde quer que exista como esquema tradicional o tipo de pequenas casas; esse tipo deve ser exigido também para os novos edifícios, com o fracionamento dos lotes e impondo limites aos compradores, do mesmo modo que nos bairros periféricos são impostos limites de altura e de área para as construções em cada terreno.

Também como senso estilístico deveria permanecer uma harmonia entre o velho e o novo; mas, nesse invocar da tradição arquitetônica não gostaria de ser mal-interpretado. Isso não quer dizer que as novas fachadas devam ser frias cópias de obras preexistentes, sem novas pesquisas formais, sem adaptação lógica às novas exigências: nada mais afastado, por exemplo, do justo sentido da arquitetura do que os Álbuns de pro-

* A expressão usada é “moli odioso”, ou seja, algo odioso que tem grande dimensão (N. da T).

14. Cf. Alfonso Rubbiani e Gualtiero Pontoni, *Progetto di una Via tra la Piazza Centrale e le Due Torri*, Bologna, Tipografia Paolo Neri, 1909.

jetos idealizados “im Sinne der Alten”*, apresentados na exposição das cidades alemãs de Dresden, de 1903, para servir como modelo a ser aplicado aos edifícios nas cidades de caráter histórico. Mas toda cidade possui uma sua “atmosfera” artística, isto é, possui um senso de proporção, de cor, de formas, que ficou como elemento permanente através da evolução dos vários estilos, e dele não se deve prescindir; deve dar o tom às novas obras, até mesmo nas inspirações mais novas e audazes.

Cito um exemplo negativo: o Palácio Odescalchi recentemente construído no início da Via del Corso, em Roma: imitação acurada do Palácio Riccardi de Florença, na rua romana, entre os palácios Doria, Salviati e Marescotti, entre as igrejas de S. Marcello e S. Maria in Via Lata, a sua cor de *pietra serena*** e as suas linhas severas destoam; o melhor que pode acontecer é de nem ao menos perceber a sua existência, como aquela de um elemento cinza neutro entre obras de arte significativas e harmônicas entre si. E pelo menos é imitação italiana; o que dizer das cópias frequentes de composições de Olbrich ou de Wagner, ou, ainda pior, do tipo vulgar cosmopolita de edifícios com esquinas arredondadas, com *mansardes* e *bow windows*, com cúpulas monegascas?

* Literalmente, “no sentido dos Antigos”, expressão muito em voga na virada do século XIX para o XX, algo que poderia ser entendido como “segundo o costume dos antigos”, no modo dos antigos (N. da T., que agradece Jens Baumgarten pelos esclarecimentos).

** Tipo de arenito da região da Toscana, escuro, de cor verde-acinzentada (N. da T.).

Nesse respeito pelo tipo artístico nativo, as cidades e burgos suíços podem ser verdadeiros modelos. Nuremberg, como mencionado, oferece um exemplo ainda mais louvável por se tratar de uma cidade em desenvolvimento progressivo. Bruges e Veneza mereceram o aplauso do V Congresso Internacional de Arte Pública, realizado recentemente em Bruxelas.

Não quero terminar esse tema de novas vias através das velhas cidades sem mencionar dois projetos recentes em que os conceitos expressos acima encontram genial expressão prática. O primeiro é, para Florença, o projeto apresentado por Carocci e Castellucci¹⁵, em contraposição aos desastrosos cortes propostos pelo Plano Diretor, para rearranjar a zona próxima ao Ponte Vecchio e concomitantemente abrir uma artéria no bairro além do Arno, entre a beira do Arno em Torrigiani e a porta de S. Frediano; para a Piazza di Santa Felicità, na parte posterior do coro de Santo Spirito, do lado da Piazza del Carmine, a nova via se desenvolveria, penetrando discretamente entre os amplos quarteirões sem alterar nada dos antigos edifícios e dando vazão ao movimento que desemboca no Ponte Vecchio. O segundo, mais recente, é o projeto de Rubbiani e de Pontoni para uma rua em Bolonha, entre a praça do Netuno e as duas Torres¹⁶; com ele viria a ser constituída, através da união de várias ruas internas existentes, como a Via

15. Cf. “Edilizia Fiorentina”, em *Bullettino dell’Associazione per la difesa di Firenze Antica*, Firenze, 1903.

16. Cf. A. Rubbiani e G. Pontoni, *op. cit.*

degli Orefici* e a Via Caprarie, e de algumas poucas demolições, uma nova rua irregularmente pitoresca em seu percurso entre os velhos monumentos, mas ampla e útil; rua que, iniciando na parte posterior do Palácio de Podestà e desembocando numa espécie de delta na Piazza di Porta Ravegnana, teria tido a função de subsidiária da Via Rizzoli. Era obra nobilíssima de arte e de sábio afeto pela bela cidade gloriosa, mas não prevaleceu; nada conseguiu evitar a vulgar geometria da nova praça retangular, cujas obras já foram iniciadas, o novo centro, êmulo digno daquele da companheira Florença.

*
* *

Depois das ruas internas principais, as zonas intermediárias. Afastado delas o movimento externo, permanecem como fatores a serem enfrentados o movimento local, o aspecto artístico local, as exigências da higiene, que podem ser conciliados somente através do “desbastamento”.

Não unidade regular de novas ruas, mas alargamento irregular: demolição aqui e acolá de uma casa ou de um grupo de casas, criação, em seu lugar, de uma reduzida praça e, nela, de um jardim, pequeno pulmão no velho bairro; depois, que a via se estreite para se ampliar de novo dali a pouco, acrescentando variedade

* Quando o autor se refere a alguma rua específica, preferiu-se, na tradução deste texto especificamente, deixar o nome em italiano, mantendo “via”, em vez de traduzir por rua, “vicolo” em vez de beco, “piazza” em vez de praça de modo também facilitar, na descrição do plano para o bairro do Renascimento em Roma, o acompanhamento do mapa apresentado na figura 7 (N. da T.).

de movimento, associando efeitos de contraste ao tipo de edificação originário, que permanecerá, assim, com todo o seu caráter artístico e de ambientação. Abrirão caminho apenas alguns raios de sol e alguma nova visual, e respirarão as velhas casas, muito juntas entre si.

Não saberia fazer comentário melhor sobre esses conceitos do que as palavras de Rubbiani a respeito de sua proposta que acabei de apresentar¹⁷; concernem mais à formação das ruas como linhas transitáveis, mas têm, igualmente, direta aplicação na sistematização dos núcleos internos:

A acomodação da cidade antiga ao desenvolvimento da vida moderna, sem desnaturar a fisionomia histórica [...], pode ser obtida estudando as mudanças de circulação não nas plantas e mapas das cidades, mas nas próprias ruas, esquina por esquina, casa por casa, cruzamento por cruzamento. Melhorar as condições de circulação com um mínimo de demolições e com um máximo de expedientes e ser persuadido que quanto mais variados forem os bairros, por alturas de edifícios, através de movimentos que pareçam impensados, através de pequenos pontos focais e de perspectivas que chamem a atenção e distraiam o olhar, melhor é. Acreditar que a alternância do pitoresco com o monumental, da velha torre e da humilde casinha com o edifício moderno, é uma das razões precípua de que é feita a beleza das cidades italianas e das antigas cidades mais celebradas: tudo isso é observação e raciocínio que devem ser transformados em arte sutil para reformar as velhas ruas ou criar novas. Façamos ruas cômodas, mas que pareçam ter existido sempre, pelo que se mostra ao longo de seu estudado desenvolvimento, do que faz lembrar da

17. A. Rubbiani e G. Pontoni, *op. cit.*, p. 11.

própria vida dos antepassados, façamos ruas em que se espelhe a vida social como é, a saber, uma variedade de venturas, uma multidão humana como é, e não um regimento de soldados de elite ao *presentat arm**, e recordem um pouco o adorável modo de se dispor as coisas na paisagem natural, onde tudo é sinfonia sem uniformidade, tudo é harmonia numa vitória do assimétrico – onde tudo é beleza num contínuo predomínio de curvas, de dobras, de ângulos – sobre a monotonia do paralelismo.

Desse modo, portanto, o estudo integral da cidade, ao prover aos bairros ampliação e artérias de circulação, deve ser tão vasto quanto deve ser minucioso e limitado o estudo da sistematização das zonas internas, feito com enorme cuidado, ponto por ponto. É necessário, antes de mais nada, determinar, a partir do conhecimento preciso dos elementos mais variados relativos às ruas e às casas, à arte e às vicissitudes históricas, quais são os marcos imutáveis, a saber, os edifícios de caráter histórico e artístico que devem ser conservados, as obras e os grupos para os quais deve ser respeitado o ambiente. A possibilidade de desbastamento deve então ser considerada sob o ponto de vista do máximo aproveitamento de luz e de ar, que uma parcial demolição pode oferecer às casas próximas, dos efeitos perspécticos que resultarão dos novos enquadramentos que virão a compor-se e também pelas razões de circulação, pois, por vezes, pequenos cortes que conformem pracinhas na união de duas vias, que suprimam corpos salientes que constituem estreita-

* Apresentar armas (N. da T.).

mentos, ou que, simplesmente, arredondem uma esquina, podem ser suficientes para dar de novo equilíbrio ao tráfego congestionado em alguns pontos. Desse modo, em Roma, bastaria tomar providências desse gênero, provisórias ou definitivas, para melhorar enormemente as condições de pontos difíceis e perigosos das ruas internas, como as passagens laterais do Fórum de Trajano, a Via degli Orfani entre a Piazza Capranica e o Panteão, a Via S. Silvestro, o final da Via di Campo Marzio etc.

A obra seria completa se, contemporaneamente, fossem feitos também restauros, prudentes e sábios (e isso é o difícil), das casas que existem; restauros de adaptação não radical às exigências modernas, desbastando e abrindo com o mesmo sentido de comedimento adotado para a rua, e restauros artísticos que reconduzissem ao aspecto primitivo*; com frequência as duas restaurações poderiam ser concomitantes, uma vez que o edifício pode se revelar de qualidade ao recuperar sua antiga dignidade.

Nesse nobre campo de atividade, realmente “*Bononia docet*”**. Em Bologna, pelo sentimento consciente dos particulares, que perceberam a importância dos elementos belos que cercavam as suas casas, pela fecunda iniciativa de um grupo de artistas e de estudiosos

* Não confundir essa asserção com a volta a um suposto estado original, como preconizado por Viollet-le-Duc; trata-se da remoção de massas amorfas e outras ações do gênero que ocultam as qualidades formais da obra, pois Giovannoni preconiza o respeito pelas várias fases de um mesmo edifício, como é possível ver nos textos que se seguem (N. da T.).

** Bolonha ensina (N. da T.).

reunidos no benemérito Comitato per Bologna Storico-Artistica, pela perspicácia com que se soube endereçar a critérios artísticos a antiga tradição dos embelezamentos por ocasião das festas de bairro, toda uma série de admiráveis obras que se haviam, com o tempo, tornado massas amorfas, voltou à luz. As casas – dos Ghislieri, dos Muzza, dos Felicini, dos Fantuzzi, dos Azzoguidi e de tantas outras famílias – dos séculos XIV e XV reflorescerem ao lado dos monumentos maiores, reaperentaram nas ruas da cidade torreada o fascínio de sua arte gentil.

Mas tornemos ao sistema do desbastamento para edificações. Expressão complexa, com exigências variadas, forma de arte viva e plástica, seria vão encontrar para ele fórmulas fixas e ilustrá-lo de outro modo a não ser através de exemplos concretos. Eis um deles, que, infelizmente, tem poucas probabilidades de sair do estado de projeto*.

*
* *

Roma tem na zona** Ponte e na Parione o seu bairro do Renascimento. Ali, nas vias traçadas por Sisto IV

* As propostas de Giovannoni acabaram por prevalecer. As numerosas destruições previstas no Plano Diretor geraram uma série de protestos e foram evitadas. O próprio Giovannoni esteve ligado à elaboração de um novo plano diretor, baseado em boa parte nas premissas aqui apresentadas (mas com diferenças no que respeita à solução de variadas questões pontuais, havendo certa ambiguidade no resultado final), que foi efetivamente implantado. Giovannoni retoma o tema do Bairro do Renascimento, com mais explicações sobre a proposta em *Vecchie Città ed Edilizia Nuova*, Torino, Unione Tipográfica-Editrice Torinese (Utet), 1931 (N. da T.).

** Rione no original. Rione é região, bairro, e originalmente indicava cada uma das cerca de vinte zonas em que era subdividida a cidade de Roma.

e Júlio II em direção ao Vaticano, se foi adensando, em especial, a população das pessoas ligadas à Corte pontifícia, os *Curiais*, bem distinta da população romana que permaneceu nas zonas centrais; em torno dos novos edifícios públicos, rivalizaram para erigir os edifícios de habitação, muitos dos quais permanecem ainda quase completos e muitíssimos mostram da forma primitiva vestígios mais ou menos extensos e evidentes. E, quase tanto quanto os maiores edifícios daquele tempo que toda a zona ainda conserva, como a Chancelaria e o Palácio Massimo, a Zecca, o palácio do cardeal Nardini e o dos Fieschi, os palácios dos Alberini, dos Baldassini, dos Niccolini etc., interessa à História da Arte toda uma série de casas menores, dispostas nas vias principais ou perdidas no labirinto de vielas, em que se pode ler a evolução arquitetônica do tipo de habitação em Roma da Idade Média até a Idade Moderna¹⁸.

A série começa com alguns escassos remanescentes medievais, como os pórticos voltados para a rua, depois emparedados nos Quatrocentos, que eram elemento constante da casa do século XIII (aparecem na casa na Via Banchi Nuovi, em frente da Ponte S. Angelo e na casa na Via dei Coronari*, esquina com a Via dell’Arco della Pace); e os edifícios que representam o final do sé-

Desse modo, os “rioni” Ponte e Parione compõem o bairro do Renascimento (N. da T.).

18. Cf. Domenico Gnoli, *Have Roma*, Roma, Walter Modes, 1909.

* O nome da rua aparece grafado de várias maneiras por Giovanni: ou a maneira completa, via dei Coronari, ou abreviada, via de’ Coronari, ou, ainda, apenas via Coronari. Neste texto optou-se por escrever sempre Via dei Coronari (N. da T.).

culo XIV e início do século XV, como o Albergo dell'Orso e uma casa característica (que talvez tenha pertencido ao célebre Fiammetta) na Via dei Coronari n. 157¹⁹, com o pavimento superior sustentado por uma série de mísulas salientes (ver figura 1). Eis então o final dos Quatrocentos, o período de Sisto IV, que aparece nas casas que se agrupam em torno de S. Giovanni dei Fiorentini, ou naquelas dos Orsini que estão adossadas na fortaleza de Via di Monte Giordano, ou a contemporânea

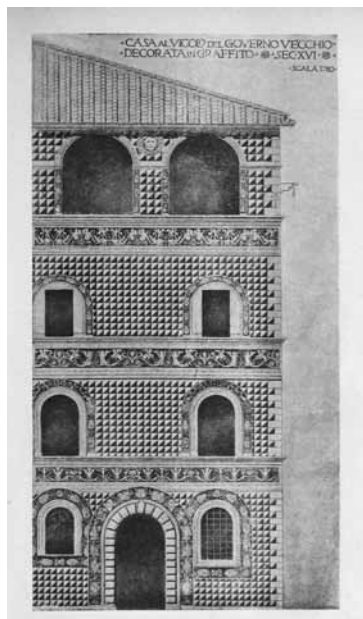
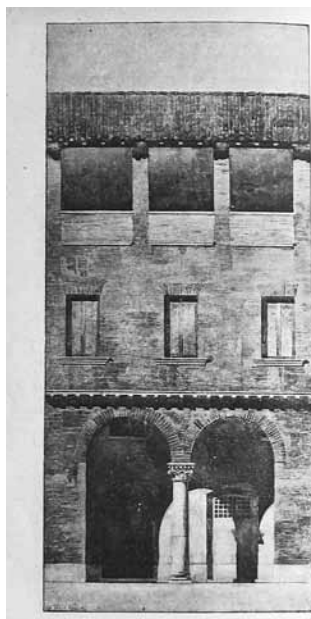


Fig. 1. Casa em Roma, Via dei Coronari, 157 (século XIV ou início do XV). Ensaio de restituição. Fig. 2. Casa em Roma, Vicolo del Governo Vecchio (final do século XV ou início do XVI).

19. Cf. Adinolei, *La Torre dei Sanguigni*, Roma, 1863, p. 18.

casa típica situada junto à ponte S. Angelo, acostada num pórtico feito com restos antigos e coroada por uma *loggia* com colunas e arcos, ou o pequeno palácio, com ordens superpostas de pilastras, na Via dei Coronari n. 28 (ver figura 3). E, ainda, as inumeráveis casas do começo do século XVI, com modelos que ainda seguem o esquema quatrocentista, como aquela feita por Pietro Rosselli²⁰ para Prospero de’Mochis na Via dei Coronari

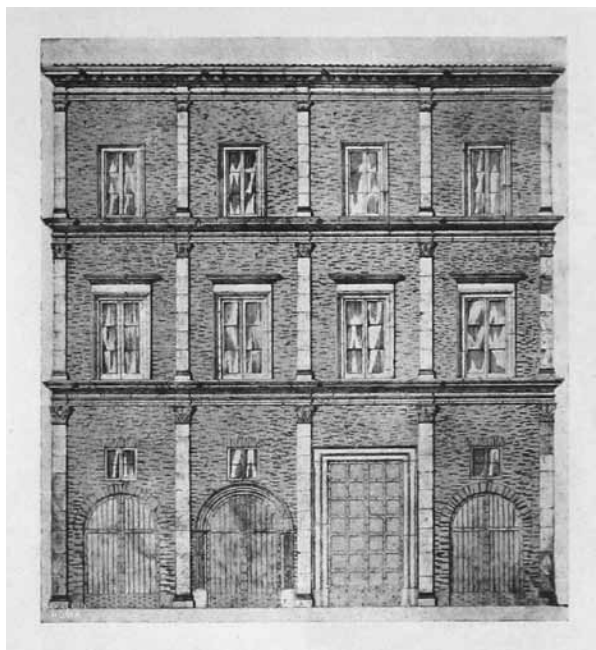


Fig. 3. Casa na Via dei Coronari, n. 28 (século XV e XVI).

20. Cf. D. Gnoli, “Pietro Rosselli, architetto”, em *Annuario dell’Associazione fra i Cultori di Architettura*, 1910-1911, p. 70 (N. do A.). [O artigo pode ser lido em versão eletrônica no endereço: http://periodici.librari.beniculturali.it/PeriodicoScheda.aspx?id_testata=67 (N. da T.).]

(ver figura 4) junto à sangalliana “Imagem de Ponte” (ver figura 6) e a casinha análoga na Via dell’Avila, e ainda a dos Castagna na Via delle Coppelle, passando aos exemplos em que o esquema é refinado pela decoração com esgrafitos da fachada, como no Vicolo Cellini, no Vicolo del Governo Vecchio (ver figura 2), na Via della Maschera d’Oro, até as composições arquitetônicas que se valem das ordens clássicas, como na casa na Via del Governo Vecchio, que segue o modelo da Chancelaria, na casa na esquina entre a Via delle Cinque Lune e a Via dell’Apollinare com formas rafaelescas, nas importan-

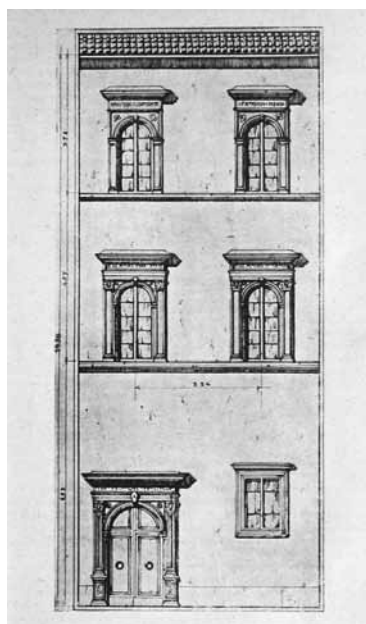


Fig. 4. Casa De Moschis, de Roselli, na Via dei Coronari, n. 148. Ensaio de restituição.

tíssimas casas na pequena praça e na Via Montevecchio (ver figura 5). Chega-se então aos exemplos de meados e de finais do século XVI, com as fachadas revestidas com almofadas de reboco liso, como nas casas do Drago, na Via dei Coronari, ou com as esquinas e portas conformadas através de um robusto almofadado, os pátios com colunas dispostas à *serliana* como no Palácio Vecchiarelli, ou com a estereotipada cornija quinhentista como na casa dos Boccapaduli na Via delle Copelle, a Vecchiarelli (talvez dos Altemps) no beco homônimo na Via dei Coronari. Até as decorações, por fim, que, à guisa de tapeçarias, revestem de composição colorida ou com claro-escuro as fachadas: como exemplo a ser admirado, a casa na Via della Maschera d’Oro cujos afrescos, agora esvanecidos, foram pintados por Polidoro da Caravaggio,



Fig. 5. Casa do século XVI, na Piazza Monte Vecchio, Roma.



Fig. 6. A “Imagem de Ponte”, edícula de Antonio Sangallo, na Via dei Coronari.

com uma proposta decorativa não dissimilar daquela que aparece com maior expressividade no Palácio Ricci na Via di Monserrato²¹.

As figuras 1 a 4 que ilustram, com levantamentos e com as restituições de elementos, seguros ou hipotéticos, os mais característicos dos exemplos acima descritos, são tirados dos estudos da Associazione Artistica fra i Cultori d'Architettura, que se dedicou constantemente à documentação gráfica dos elementos artísticos nas ruas de Roma, especialmente nas zonas ameaçadas por demolições ou por transformações significativas²².

Ora, quase toda a zona, um dia tão bela e rica, tornou-se um dos ínfimos bairros da cidade e acolhe em muitos pontos uma triste miséria moral e material: acolhe-a, não a produz, como muitos querem crer, uma vez que aquela miséria iria pulular em outra parte, como praga maligna, no dia em que a picareta abatesse aquelas casas de prelados e empregados da Cúria, que atualmente se tornaram pobres habitações e repugnantes lupanares.

21. Uma infinidade de outros exemplos importantíssimo dessas pequenas casas foi destruída pelas demolições, especialmente aquelas da beira do Tibre, e de poucas se conservam o registro. Merecem ser mencionadas, naquilo que respeita à decoração parietal com esgrafito ou pintura, aquelas da obra de Enrico Maccari, *Graffiti e Chiaroscuro Esistenti nell'Esterno delle Case di Roma*, Roma, 1876.
22. A coletânea desses levantamentos feitos recentemente no que respeita à Via dei Coronari e às suas adjacências, sob direção do autor deste artigo, foi reunida na Exposição de 1911 no Castelo Sant'Angelo e mostrava, com a regular sucessão de uma série contínua, toda a importância, em seu conjunto, dessas obras menores, como tesselas de um magnífico mosaico representando a vida daquele período tão materializado com a Arte.

Certamente, para quem não conseguir, a partir dos traços artísticos, que se mostram por todas as partes, imaginar a antiga forma, parecem muito estranhos os hinos de louvações que poetas e cronistas fizeram a Sisto IV quando empreendeu energicamente, sob a direção dos *magistri viarum* a edificação do novo bairro sobre as novas ruas traçadas em leque a partir da ponte:

Quae modo vix stabulum fuerat: te principe formam
Urbis habet, duce te reddita Roma sibi est²³.

E, em outro lugar: “Esse campo de Marte (*Martia terra*) antes coberto de imundices agora tem um aspecto novo: a beleza e a limpeza reinam por todas as partes. Honremos dignamente Sisto Salvador”²⁴.

Esses elogios pomposos se referiam especialmente à “Via Recta” que ligava a ponte* com o Campo Marzio, isto é, a atual Via dei Coronari e ao seu prolongamento em direção à Igreja de S. Agostino, que nesse ínterim era erigida através da generosidade do cardeal d’Estouteville.

23. *De urbe a Sixto viis ornata*. Epygramma XVIII: Aurelio Lippo Brandolini, Cod. Vat. Est., n. 5008 (N. do A.).

[Essa, que até pouco tempo, era quase como um estábulo, com ti, ó príncipe, tem um aspecto de Cidade; por ti dirigida, Roma é devolvida para si; N. da T. que agradece Yvonne M. Metzger e Alessandro Pergoli Campanelli pela tradução do latim].

24. Cf. Eugène Müntz, *Les Arts à la Cour des Papes aux XV^e et XVI^e siècle*, 4 vols., Paris, Ernest Leroux, 1893, vol. II.

* Ponte S. Angelo (N. da T.).

Ora, a Via dei Coronari foi, há quatro anos, quando da elaboração do novo Plano Diretor, o símbolo de uma luta áspera entre as várias tendências da construção. O Plano Diretor a havia condenado, incluindo-a no traçado de uma nova rua que, entre a Piazza Colonna e a Ponte S. Angelo, iria levar a termo uma devastação inexorável de uma longa série de palácios e de casas, com valor às vezes monumental, às vezes documental, para a Arte e para a História²⁵.

Estudiosos e artistas empunharam as armas. A demolição não serviria para nada no que respeita à circulação, que poderia ser suprida amplamente pela artéria ao longo do Tibre, paralela e próxima; resultaria em destruições gravíssimas de monumentos e do ambiente; respondia apenas à vã ilusão de que o saneamento de uma zona poderia ser colocado sobre uma linha.

Buscou-se, então, sem abandonar a ideia, uma solução intermediária, sendo improvisada uma rua serpente que se entrelaça com a Via dei Coronari, deixando em pé as construções mais importantes e ondulando para a direita e para a esquerda, com uma irregularidade forçada que nada tem de orgânico ou de pseudo-orgânico. E a solução permaneceu na planta definitiva com o nome impróprio de “A Sistematização Artística da Via dei Coronari”.

25. Das condições peculiares do plano e de sua ameaça de danos, expus na *Nuova Antologia*, 1908 em algumas das notas sobre as demolições no centro de Roma (N. do A.) [“Per le minacciate demolizioni nel centro di Roma”, *Nuova Antologia*, 1908, fascículo 886, pp. 317-319; disponível em versão eletrônica no sítio archive.org (N. da T)].

Duas observações devem ser feitas, em que tomam forma concreta alguns conceitos genéricos já expostos.

Toda a península circundada pelo Tibre entre a moderna Ponte Umberto e a Ponte Sisto tem, no total, limitando-a internamente à Chancelaria e à Piazza Navona, uma superfície de 440 000 m² e, destes, talvez $\frac{3}{4}$ estão em boas condições; talvez $\frac{2}{5}$ em condições de miséria e de sujeira não diversas da Via dei Coronari e de seus arredores; a sistematização proposta transformaria uma zona de cerca de 30 000 m², deixando o resto sem mudar. Isso é lógico?

E, além disso, naquilo que concerne à arte, parece verdadeiramente que possa ser respeitada salvando algumas casinhas, mas fazendo pesar sobre elas uma ampla via que canalizará o movimento da cidade? Ao lado dos grandes edifícios modernos, essas construções que têm apenas valor de recordação e de composição do ambiente perderão toda proporção, todo caráter, todo significado; e, ademais, mudando também o ambiente econômico da localidade, os restauros que os proprietários, em seu interesse, deverão empreender, não serão de pequenas adaptações, mas uma mutação completa, e quase nada mais permanecerá, depois de um breve tempo, dos elementos da arte quatrocentista ou quinhentista.

Eis, pois, as razões que persuadem a respeito da conveniência de adotar um programa de melhoria que pode ser estendido a uma vasta zona, sem desordenar radicalmente nenhuma parte, sem mudar a estruturação dos bairros, sem conduzir para eles a grande circulação: a solução do desbastamento.

edifícios que possuem caráter artístico e as notas a eles referentes resumem os dados: são os marcos que se deve possivelmente deixar intactos.

A partir da torre dos Sanguigni, isolada no meio de um jardim e do espaço circunstante ampliado de modo a proporcionar cômodas comunicações com a Via Zanardelli, a Via dei Coronari seria assim iniciada como está agora; depois, no estreitamento logo após o Vicolo della Volpe, seria necessário “limar” a casa à esquerda, possivelmente liberando e tornando mais robusto, em baixo, o subsequente pórtico medieval e logo depois, à direita, abrir uma primeira pequena praça; uma segunda viria a ser formada diante do Palácio Lancelloti; em seguida, a rua se estreitaria de novo entre esse palácio e as casas do Drago; seriam sucessivamente ampliadas na confluência de outra rua transversal, que o Plano Diretor quer que seja traçada pela Via della Vetrina até a Chiesa Nuova e que – única comunicação de toda a vasta região com a Ponte Umberto – talvez não possa ser evitada.

Do lado oposto, portanto, liberaria a magnífica lateral de S. Salvatore in Lauro, admirável obra barroca que agora está encerrada entre casinhas insignificantes, chegaria à Piazza di S. Salvatore in Lauro, abandonando definitivamente a Via dei Coronari. Permaneceria no seu último trecho, o mais característico, inalterada e a rua continuaria paralela ao traçado do Vicolo Vecchiarelli; e bem poderia ser oferecida à reconstrução moderna toda a zona já semi-demolidada entre esse último tronco e a beira do rio Tibre, com a qual deveria ser, também do ponto de

vista altimétrico, articulada; nessa zona há o máximo de imundice e o mínimo de valor artístico. Mas a edificação nova tampouco deveria prescindir de normas oportunas, entre as quais são essenciais aquelas que limitam a altura e as que fracionam os quarteirões em casas não demasiadamente grandes.

Existe, é verdade, também nessa zona alguns vestígios das construções do passado e da antiga riqueza; existe uma cor local, um quê de elemento pitoresco nas paredes marrons sem reboco, nos interiores enfumaçados, nos panos rotos estendidos pelos becos; alguns poderão lamentar seu desaparecimento. Não creio, porém, que o respeito pelo passado possa estender-se aonde nada há de intrinsecamente respeitável, sem tirar seriedade daquilo que é requerido em nome das razões bem mais elevadas da arte e da história.

As linhas e as modalidades dessa variada sistematização, da qual foram expostas brevemente as características principais, foram pensadas não apenas partindo do respeito pelas obras existentes e unindo-o com a busca prática da mais eficaz melhoria nas condições de aeração e iluminação, mas, conjuntamente, tiveram também por guia a concepção perspéctica dos efeitos variados de volumes, de visuais, de cores que virão, assim, a compor-se. E reside nisso a maior dificuldade dessas propostas, pois não nos é tão fácil e direto, dado que estamos habituados com a geometria projetiva, imaginar as obras no espaço como ocorria na Idade Média e no início do Renascimento, em que, mais do que no papel,

o artista trabalhava no local, traçava as linhas e fixava as proporções com intuito perspéctico, genial e seguro.

Nos desenhos das figuras 8 a 11, feitos por Arturo Viligiardi, foram registradas algumas das vistas que, ao percorrer a rua, a sistematização viria paulatinamente a formar, agregando aos velhos espaços as novas visuais, compondo-as com a vegetação dos pequenos jardins, com os outros elementos que as aberturas deixariam à vista, como o Palácio Altemps, o alto belvedere da Via della Vettrina e, mais adiante, o do Palácio Vecchiarelli, a lateral da igreja seiscentista de S. Salvatore, o porticado no edifício anexo, o volume do castelo S. Angelo que a rua oblíqua desde a Piazza di S. Salvatore in Lauro mostraria, em eixo, ao fundo... Os pontos a partir dos quais as perspectivas foram desenhadas estão indicados com números na planta.

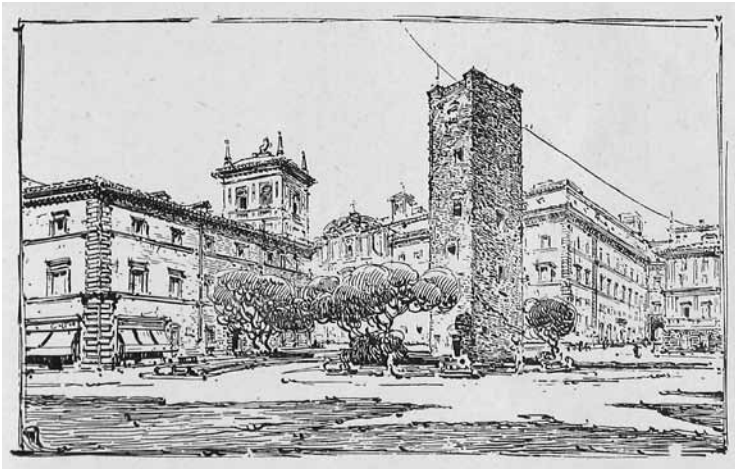


Fig. 8. **Vista perspéctica A.** Tor Sanguigna.

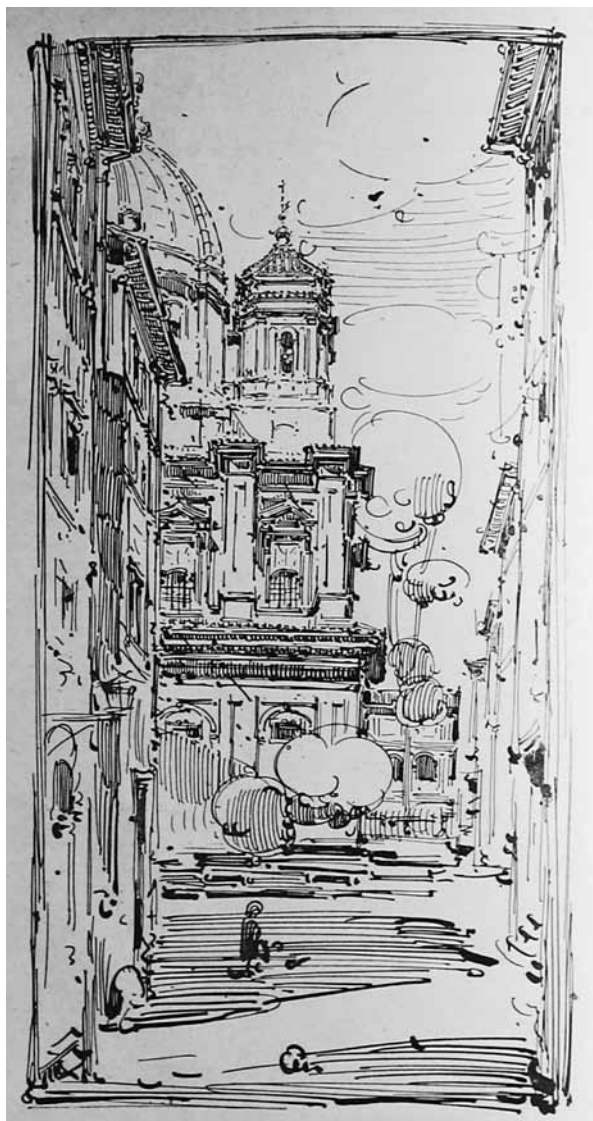


Fig. 9. **Vista perspéctica B.** As ruas transversais à Via dei Coronari.



Fig. 10. **Vista perspéctica C.** Via dei Coronari e Piazza di San Salvatore in Lauro.

À direita, a lateral da igreja, liberada; ao fundo, o último trecho da Via dei Coronari e a pequena zona de novas construções em direção à Ponte S. Angelo.



Fig. 11. **Vista perspéctica D.** A Via e o Palácio Vecchiarelli.

A perspectiva *A*, em particular, mostra a ampliação da Piazza dell’Apollinare e a sua junção com a Via Zannardelli e com a nova artéria externa à Piazza Navona, e mostra, ainda, a torre Sanguigna isolada; na *B*, tomada da esquina da Via dei Coronari com a atual Via della Vetri-
na, que corresponde à futura via transversal, aparecem a lateral, a cúpula e o campanário de S. Salvatore e as construções quinhentistas acostadas ao Palácio Lancellotti; na *C*, logo a seguir, de um lado há o último trecho da Via dei Coronari, do outro, a pequena praça de S. Salvatore que com ela seria unida; a perspectiva *D* representa a nova rua

que substituiria o Vicolo Vecchiarelli e que na sua extremidade teria o grandioso volume do Palácio Vecchiarelli e, ao fundo, a fachada de S. Salvatore in Lauro.

Dos marcos escolhidos, nenhum viria a ser alterado no desbastamento. Nem danos produziria a via transversal citada acima, que deveria unir a praça da Chiesa Nuova com a beira do Tibre em Tordinona, cujo traçado, um tanto sinuoso, foi acuradamente estudado na planta da figura 7²⁶. Somente na sua junção com a Via dei Coronari a rua derrubaria uma bela casa quinhentista que faz parte do grupo unido ao Palácio Lancellotti; e a destruição não pode ser evitada com o deslocamento da rua, que em outros lugares se depararia com barreiras mais graves; nem, como mencionei, parece ser possível agora renunciar a essa rua*, uma vez que, constituindo a única comunicação entre o bairro que se agrupa em torno da Chiesa Nuova e o Prati e o centro da Piazza Colonna, é agora (ou, melhor dizendo será quando a necessidade for demonstrada experimentalmente) uma articulação que completa o esquema secundário. E talvez através dela

26. No primeiro estudo do plano diretor de 1908, essa rua transversal apreciava retilínea e, desse modo, o traçado teria arruinado a casa decorada com esgrafito no Vicolo del Governo Vecchio e a casa de Rosselli com a inscrição *Unde eo omnia*, no Vicolo dell'Avila, como também, mais adiante, do pórtico interno, de meados do século XVI, de S. Salvatore in Lauro. Mas na edição definitiva do plano, talvez por um erro de impressão, a rua permaneceu incompleta: começa na Via dei Coronari, mas para no ponto mais delicado.

* A criação dessa rua causaria destruições de monta, e não foi feita no plano efetivamente implantado (N. da T.).

sejam evitados problemas muito mais graves que outros traçados, como aquele ao longo da Via dell’Anima, ou pela Piazza Navona, requereriam. Seja, pois, sacrificada a casa, mas nada impede que a sua fachada, cujos principais elementos são de pedra e cujas formas se adaptam bem às exigências de uma casa moderna, seja escrupulosamente reconstruída depois da esquina, no primeiro dos novos edifícios da nova rua*.

Essas são as linhas principais da sistematização proposta. Se juntamente com ela fosse possível, com o mesmo alto sentido de arte de Bolonha nos deu o exemplo, restituir algumas das antigas construções, removendo acréscimos, como, por exemplo, reconduzir à altura de três pavimentos apenas e ao antigo elegante aspecto as casas do último trecho da rua; se, conjuntamente, e isso não apenas é possível, mas necessário, a limpeza e a ordem voltassem ao bairro, que hoje todos os serviços públicos da Prefeitura deixam indesculpavelmente abandonados, seria obtida uma verdadeira “sistematização artística”: obra não-triunfal, mas modesta, de respeito pelo passado com critérios modernos, de enxerto de nova beleza na beleza antiga.

* Essa proposta de Giovannoni é bastante surpreendente, em especial vinda de um autor que devotava tanta atenção aos vários elementos – fossem construções de grande valor artístico ou edificações correntes – que levassem à composição do ambiente como um todo, e que foi um dos protagonistas do restauro filológico, com grande atenção voltada aos aspectos documentais das obras. Essa rua, como dito, não foi efetivada e nem Giovannoni voltou a tratar desse tema em sua análise, supracitada, de 1931 (N. da T.).

E seria – esta, assim como as outras análogas que poderiam ser concebidas – obra de estudo, de arte e de amor. Mas exatamente em reunir esses fatores está a verdadeira e grave dificuldade. Como poder encontrá-los conjuntamente nas divisões técnicas voltadas a esses trabalhos – nas quais mesmo existindo a preparação teórica (e isso é raro, dada a insuficiência de nossos estudos de arquitetura e dada a pouca importância que ainda é dada à construção como ciência em si), vige, como em quase todas as divisões, a regra do mínimo esforço e da mínima responsabilidade? Como é possível obter soluções complexas, que em todos os seus passos trazem consigo um quesito histórico, uma dificuldade prática, uma busca artística, quando é tão fácil atingir com a geometria do esquadro, e no máximo a do compasso, soluções simples que uma bela frase pode depois dignificar?

De duas maneiras talvez fosse possível “percorrer outro caminho”, e são dois modos tradicionalmente italianos que, como todas as coisas humanas, possuem vantagens e inconvenientes: o sistema das Comissões e o sistema dos concursos. O primeiro, uma colaboração tranquila entre várias pessoas competentes; o outro, contribuição ousada (enquadrada num programa bem pensado e concreto) de todas as energias jovens com quesitos árdios e geniais. Nesse ínterim, deveria ser exigido que, para todas as propostas de construção nas cidades de caráter histórico e artístico, em que é monumento todo o complexo de habitações, não faltasse nunca o parecer, não casual, mas direto e com pleno direito a

veto, das Comissões provinciais e do Conselho Superior das Antiguidades e das Belas-Artes, também preparado para essa nova função.

Será tudo isso possível algum dia?

Esperemos que sim, pela beleza de nossas cidades gloriosas, variadas de aspecto assim como de recordações históricas, que devem manter o seu caráter e a sua poesia, sem que a vulgaridade que tudo iguala as atinja. Muito pode ainda ser salvo. Ainda pode aflorar à mente a ideia que, enquanto novíssimas aglomerações de edifícios se estendem longe pelos doces campos em bonitos bairros alegrados pelo verde e pelo sol, no interior das cidades tão vividas, a ciência e a arte moderna possam unir-se exatamente para despertar, não para violar, a “alma dos séculos”.